

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

SUZANA ELOYSE MURRACE

**A preservação da cultura negra através de mãos femininas:
o Ilú Obá De Min, educação, cultura e arte negra**

**São Paulo
2019**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

**A preservação da cultura negra através de mãos femininas:
o Ilú Obá De Min, educação, cultura e arte negra**

Suzana Eloyse Murrace

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Gestão de Projetos Culturais.

Orientador: Prof^o. Dr. Dennis de Oliveira

**São Paulo
2019**

A PRESERVAÇÃO DA CULTURA NEGRA ATRAVÉS DE MÃOS FEMININAS: O ILÚ OBÁ DE MIN, EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE NEGRA ¹

Suzana Eloyse Murrace²

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de examinar a contribuição cultural da *Ilú Obá De Min – educação, cultura e arte negra* para o fortalecimento da mulher negra e da cultura negra no Brasil. Para tanto, analisa os instrumentos de preservação, perpetuação e resistência realizados por essa associação. A pesquisa, de cunho qualitativo, utiliza entrevistas semiestruturadas e diário de campo. O estudo fundamenta-se nas concepções de cultura presentes nas tradições europeias, multiculturalismo e multicultural, cosmovisão da cultura negra e “tempos liminares das minorias”. A análise mostrou a ressignificação da mulher negra, por meio do *Ilu Obá De Min*, como forma de confrontação do pensamento hegemônico vigente.

Palavras-chave: Cultura negra. Tempos liminares das minorias. Ilú Obá De Min. Preservação. Mulher negra.

Abstract: This work aims to examine the cultural contribution of *Ilú Obá De Min - education, culture and black art* for the strengthening of black women and black culture in Brazil. Therefore, it analyzes the instruments of preservation, perpetuation and resistance carried out by this association. The qualitative research uses semi-structured interviews and field diaries. The study is based on the conceptions of culture present in European traditions, multiculturalism and multiculturalism, worldview of black culture and "liminal times of minorities". The analysis showed the resignification of the black woman, through the *Ilu Obá De Min*, as a way of confronting current hegemonic thinking.

Key words: Black culture. Liminal times of minorities. Ilú Obá De Min. Preservation. Black woman.

Resumen: Este trabajo tiene el objetivo de examinar la contribución cultural de la *Ilú Obá De Min - educación, cultura y arte negro* para el fortalecimiento de la mujer negra y de la cultura negra en Brasil. Para ello, analiza los instrumentos de preservación, perpetuación y resistencia realizadas por esa asociación. La investigación, de cunho qualitativo, utiliza entrevistas semiestruturadas y diário de campo. El estudio se fundamenta en las concepciones de cultura presentes en las tradiciones europeas, multiculturalismo y multicultural, cosmovisión de la cultura negra y "tiempos liminares de las minorías". El análisis mostró la resignación de la mujer negra, por medio del *Ilu Obá De Min*, como forma de confrontación del pensamiento hegemónico vigente.

Palabras clave: Cultura negra. Tiempos liminares de las minorías. Ilú Obá De Min. Preservación. Mujer negra.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

² Pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Dennis de Oliveira, por todo o tempo que dedicou a me ajudar durante o processo de realização deste trabalho e inúmeros esclarecimentos nos momentos de difíceis.

Ao “Ilú Obá de Min - educação, cultura e arte negra”, objeto deste trabalho, pela permissão de assistir aos ensaios, entrevistar e conversar com integrantes de seu corpo diretivo, sem o qual este trabalho não poderia ser realizado.

À Baby Amorim, coordenadora de projetos e produtora do Ilú Obá de Min, educação, cultura e arte negra, pela disponibilidade e atenção a mim dispensada.

À Cristiane Gomes, mediadora do projeto “Ilú na mesa”, por encontrar tempo na sua agenda apertada para responder meus questionamentos.

À minha amiga Claudia Moreira dos Santos pela ajuda nas diversas revisões do texto até que ficasse de acordo com as ideias e resultados obtidos.

Ao corpo docente, que partilharam comigo seus conhecimentos, contribuindo para a minha formação e elaboração deste trabalho.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

INTRODUÇÃO

Este artigo parte da concepção de que as ideias e os conceitos que foram incorporados ao longo do tempo sob a ótica ocidental do que é cultura, não é a únicos e universais. Embora hegemonicamente defendida, ela não considera aspectos como: a localidade onde residem, sua língua e sua religião, maneira como cada povo se relaciona com o Mundo que o cerca, com a Natureza, com o *Outro* e como se constituem seu modo de vida e sua sociedade. Cultura não é apenas retorno às origens, é também o resultado de vivências, tradições e conhecimento transmitidos de gerações a gerações, releituras e adaptações, preservando-se a essência das manifestações.

Assim, especificamente, no que tange à cultura negra no Brasil – foco desse artigo –, é necessário buscarmos um leque maior de enfoque das implicações, saberes, conceitos e modo de viver a cultura negra no Brasil.

Partindo-se do pressuposto histórico de que a cultura negra tem uma relação de interação e integração com o mundo e com a natureza de complementaridade diversa da cultura ocidental hegemônica, é necessário mencionar a suposta missão proselitista dos homens brancos, que se autodenominam desenvolvidos e cultos, na salvação dos selvagens e bárbaros, convertendo-os à religião judaico-cristã.

Na constituição cultural do Brasil, há a contribuição de diversas culturas, tais como: a europeia de tradição judaico-cristã; a negra; a indígena, dentre outras que compõem a população brasileira. Essa diversidade cultural constitui uma marca de heterogeneidade e descontinuidade da nossa formação social.

A cultura negra foi introduzida no Brasil pelos escravos Africanos. Os últimos africanos escravizados chegaram ao Brasil por volta do século XIX. Oriundos de diferentes regiões e particularidades, foram eles que, apesar da escravidão e opressão, uniram-se em torno do seu denominador comum - a sua cultura. De forma mais extensa e estruturada, conseguiram reimplantar as formas econômicas, sociais e míticas dos negros de forma geral, indo além da cor da pele, dos costumes, da língua, das semelhanças físicas. Sua ancestralidade se perpetua na sua essência, na forma de se relacionar com o Mundo, a Natureza e o Outro. A essência do povo negro, portanto, não foi dizimada pelos senhores de escravos e jamais deixou de existir em alguma medida, pois houve focos de resistência e

formas de readaptação dessa cultura com o intuito de sua perpetuação, fazendo parte da cultura brasileira.

Assim, a hipótese deste artigo é a de que a preservação, a resistência e a manutenção da cultura negra no Brasil, apesar da existência de diversas formas de opressão que persistem até os dias atuais, se fizeram e se fazem com a participação fundamental da mulher, razão pela qual, optou-se pelo estudo de uma associação dirigida e coordenada por mulheres negras. Dessa forma, utilizando o olhar feminino como enfrentamento à cultura hegemônica vigente buscamos identificar as atividades desenvolvidas pela associação *Ilú Obá De Min*-educação, cultura e arte negra (doravante *Ilú Obá de Min*) e suas contribuições para a identidade, preservação, manutenção da cultura negra e o papel da mulher negra nesse contexto. Entretanto, antes, discutiremos, de forma sucinta, cultura e divergência entre cultura ocidental e cultura negra.

CULTURA E A DIVERGÊNCIA DA CULTURA OCIDENTAL E CULTURA NEGRA

A raiz etimológica da palavra cultura de origem latina – *colere*, que significa cultivar, cuidar – possui diversos significados. “Se a palavra “cultura” guarda em si os resquícios de uma transição histórica de grande importância, ela também codifica várias questões filosóficas fundamentais” (EAGLETON, 2005, p. 10-11). Assim, o sentido original dela foi estendido de cultivo de grãos para cultivo da mente. A partir do início do século XVI em diante, passou a ser um padrão de significados simbólicos incorporados que incluem ações, manifestações verbais, objetos, e por meio deles os indivíduos partilham crenças, experiências e concepções (THOMPSON, 2011, p 167-173). Interessante o pensamento de Nogueira (2010), quando conceitua cultura. Para ele, cultura é tratada como sendo “relações sociais, a história e as possibilidades de expressão criadas historicamente para ‘caracterizar-se’ [...] viver, exteriorizar a vida, [...] para construir sua história nos inseparáveis campos do concreto e do imaginário” (NOGUEIRA, p.9-10). Ou seja, a cultura vai além do simples retorno às origens. Ela é o resultado obtido por meio do conhecimento das tradições, das mutações, e de um conjunto efetivo de genealogias. Ela está sempre em processo de transformação, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas, daquilo que nós fazemos das

nossas tradições (HALL, 2003a, p.44). É o que podemos perceber nos projetos culturais desenvolvidos pelo grupo *Ilú Obá De Min*, que trataremos mais adiante.

A somatória do discurso pseudocientífico, classificando a espécie humana através de raça e desigualdades de ordem religiosa, foi o arcabouço a justificar a superioridade da raça branca, a legitimação da escravidão, a colonização e o desenvolvimento industrial da Europa (MUNANGA, 1990, p.110-111). Utilizado como elemento que ressaltara as diferenças existentes (HALL, 2003a, p.30-50 e 2003b, p. 50-59) e com fundamento na crença de superioridade da raça branca sobre as demais, obteve respaldo para a dominação (LIMA, 2008, p. 35-38), com total e absoluta desconsideração das multiplicidades culturais, étnicas, das sociedades colonizadas. Portanto, uma visão completamente oposta da negra de complementaridade do homem com natureza, ou uma oposição entre território selvagem e território civilizado (SODRÉ, 1988a, p. 29).

Há divergências entre as concepções de cultura presentes nas tradições europeias e na cultura negra, especialmente, na forma de relacionar-se com o mundo ao seu redor, com o outro e consigo mesmo. A incompletude é inerente à cultura negra. Na cosmologia negra, há total integração homem e natureza, individualidade e coletividade. Um parentesco original entre o homem e a natureza. Um dos fundamentos da arte de viver do negro é a “participação” ou a comunhão profunda com a Natureza, a busca do equilíbrio e da harmonia entre o homem e a natureza no Universo (DOMINGOS, 2011, p. 2). O homem negro participa e é parte integrante da grande família, a nuclear incluindo os ancestrais, os vivos e os que hão de vir no tempo e espaço potencial. O universo africano se compõe de dois espaços, duas partes de um todo: o invisível, mundo de todos os seres invisíveis, espirituais; e o visível, mundo dos homens, dos animais, dos vegetais e de todo reino mineral (DOMINGOS, 2011, p. 3–7).

No Brasil ocorreu o que Sodré (1988a, p. 56) entende como a “criação de novo espaço mítico e histórico”, a condensação de orixás, proporcionando a preservação de um patrimônio simbólico responsável pela continuidade da cosmologia africana no exílio (SODRÉ, 1988a, p. 56). Uma condensação espaço-cultural, uma reterritorialização que representa o espaço sagrado, uma África qualitativa que se faz presente. E mais, segundo ele, “para o negro no Brasil, com suas organizações sociais desfeitas pelo sistema escravagista, reconstituir as linhagens era um ato político de repatrimonialização” (SODRÉ, 1988a, p. 70).

O gestual, o corpo, a dança, os cantos geram um tempo cósmico, diverso do cronológico, conferindo dignidade ao corpo negro, transformando aquele espaço na reterritorialização, no retorno à sua origem africana (PETIT, CRUZ, 2008, p. 4-5). O escravo deixa de ser escravo, pois se movimenta em outro espaço simbólico que o incorpora à força cósmica (SODRE, 2014b, p.5). Na formação e preservação, ocorrem os elementos do presente cósmico e da ancestralidade (PETIT; CRUZ, 2008, p.15-16). Apesar da tentativa de negar-lhes a cultura, proibindo as suas manifestações, a população negra encontrou meios de resistência através de sua tradição, com a reelaboração de elementos voltados para a continuidade da identidade negra no Brasil, baseada na tradição e na memória, contrapondo-se à cultura ocidental que lhes foi imposta (SOUZA, 2017, p 11). São meios de resistência que constituem o que Bhabha chama de “tempos liminares das minorias”, conforme nos mostra Oliveira (2018).

TEMPO LIMINAR DAS MINORIAS, COLONIALISMO E AS SOCIEDADES MULTUCULTURAIS.

Oliveira (2018) ressalta um conceito de Bhabha, “[...] ‘tempos liminares das minorias’, em que estratégias de narrativas da diferença impedem a total cristalização da hegemonia do sistema vigente”. “Tempos liminares” significa “momentos pontuais” utilizados pelas minorias por meio de estratégias de narrativas identitárias, com o intuito de exercer pressão contra os discursos dominantes, exercendo um contraponto à hegemonia, impedindo o apagamento de suas origens, crenças, enfim, de sua cultura.

O Colonialismo, sem considerar as multiplicidades culturais e étnicas das sociedades colonizadas, “tentou inserir o colonizado no ‘tempo homogêneo vazio’ da modernidade global, mas sem abolir as profundas diferenças ou disjunções de tempo, espaço e tradição” (BHABHA, 1998, p.63; HALL, 2003b, p.78). Mesmo com o surgimento do Estado-nação (a ideia de sentimento de pertencimento, identidade cultural, construção da história ligando passado e presente, reunificação de identidades, língua predominante, identidades de gênero, classe, sexualidade, etnia e raça), ainda continua a rejeição das identidades particulares, diferentes, tribais, considerando-as sinais de atraso e, por isso, sujeitas à extinção (DE

MOURA CARVALHO, 2008, p. 3-7). Neste Estado-nação, convivem com a maioria diversas minorias compostas por grupos de imigrantes de várias origens, formando uma sociedade multicultural. Cada grupo social possui demandas próprias, gerando embates entre si.

A partir da ideia de multiculturalismo e multicultural apontada por Bhabha (1988), Hall (2003b) pontua como multicultural as características sociais, problemas de governabilidade decorrentes da coexistência em um determinado lugar-tempo, de uma gama de comunidades culturais diferentes que não perderam suas identidades originais. Já multiculturalismo são estratégias e políticas adotadas que visam à administração e governabilidade (HALL, 2003b, p.51-100).

Nessas sociedades multiculturais, há uma fidelidade às origens, à identidade cultural, à memória, à tradição, ao imaginário, que influenciam as ações e significado da vida de seus membros. Conforme Martins (2014, p. 214), “um processo inacabado e um signo de conflito, no fundo, sempre uma rearticulação do desarticulado”. A partir do pensamento de Hall (2003b, p. 60) de “proliferação subalterna da diferença” que está sempre em movimento e da polifonia dos imigrantes fazendo crescer seus efeitos transruptivos, Martins (2014) cita ainda o deslocamento da Modernidade por modernidades vernáculas.

Dentro desse contexto, importante papel desempenhado pela pseudossuperioridade racial branca existente até os dias de hoje. A violência é mais sutil, mas não menos danosa. Cardoso (2014) ressalta pensamento de Gonzalez (1988), afirmando que o racismo empregado no Brasil pelos portugueses à época da colonização foi um racismo disfarçado. Com intuito de negar sua existência, emprega pseudoverdades (teorias de miscigenação, da assimilação e democracia racial) (CARDOSO, 2014, p.969).

Outro fator é a ideologia do branqueamento, a crença de que os valores do ocidente branco são os únicos e verdadeiros, consolidando a internalização de inferioridade dos negros e ameríndios, e, ainda hoje produz efeitos (GONZALEZ, 1988 p.72-74). Sua eficácia está na internalização do desejo de embranquecer e simultaneamente na negação da própria raça (CARDOSO, 2014, p. 969).

Gonzalez (1988) introduz a importância da cultura negra na formação geográfica e histórico-cultural, notadamente a sua participação na formação do inconsciente nas Américas, influenciando a língua, a música, a dança e as crenças que o ocidente classifica como “cultura popular” ou “folclore nacional” (GONZALEZ,

1988, p.69). Para ela, a melhor forma de resistência é a ruptura através da força cultural. Ressalta não haver dúvidas de que os escravizados foram tolhidos de sua dignidade, de seus legados: histórico, científico, filosófico e artístico, motivo pelo qual possuem perspectiva histórica e cultural peculiar e diversa daqueles que permaneceram no continente africano (GONZALEZ, 1988, p. 74-79).

Quando pensamos em cultura no Brasil, não podemos deixar de considerar a valiosa contribuição da cultura negra em nossa formação, especialmente, o papel da mulher negra na perpetuação e na ressignificação da cultura trazida pelos ancestrais negros, evitando a perda de sua essência. Suas estratégias de narrativas identitárias, contrapondo-se à hegemonia branca, expressam o que Bhabha chama “tempo liminar das minorias”, conforme nos explica Oliveira (2018).

Cunha (2017, p. 299) afirma que a mulher negra sofre mais discriminação que a mulher branca. “A recriação das tradições africanas como forma de resistência à escravidão e à vida de subalternidade e desumanização reconfigurou o espaço/poder destas mulheres” (CUNHA, 2017, p. 299). Elas lutaram e lutam por justiça, inclusão social e equidade. Como grupo em defesa de seus interesses e participando da defesa do contingente negro, sua atuação pode ser vista desde o regime escravocrata até hoje (WERNECK, 2010, p.3). A mulher negra exerce papel fundamental na preservação e perpetuação da essência da cultura negra, apesar de todo sofrimento e discriminação a que foi e ainda é submetida. Exemplo disso pode ser observado nos projetos desenvolvidos pelo *Ilú Oba de Min – Educação, Cultura e Arte*, objeto de estudo desta pesquisa.

O ILÚ OBA DE MIN – EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE NEGRA³

Após vinte anos de pesquisa-ação, desenvolvida por Beth Beli e Adriana Aração com diversos grupos sociais, nasce o *Ilú Obá De Min – Educação, Cultura e Arte Negra* em 2004, na cidade de São Paulo, tornando-se pessoa jurídica em 2006. Essa a associação não tem fins lucrativos. A participação feminina é um diferencial e uma particularidade da associação, o que abre possibilidades para o protagonismo feminino. Seu objetivo é promover através de seus projetos a cultura

³ Informações obtidas na internet disponível em <<https://pt-br.facebook.com/iluobademin/>> , e site <<http://iluobademin.com.br/site/>>, em 25/10/2018.

afro-brasileira e africana, desenvolver atividades para o empoderamento da mulher, fortalecer as relações étnico-raciais e de enfrentamento ao racismo, sexismo, discriminação preconceito, intolerância religiosa e homofobia. Os projetos desenvolvidos trabalham com a cultura de matrizes africana e afro-brasileira e a mulher; buscam preservar e divulgar a cultura negra no Brasil, bem como fortalecimento individual e coletivo das mulheres na sociedade, mantendo diálogo cultural constante com o continente africano através dos instrumentos, dos cânticos, dos toques e da corporeidade. Atualmente a associação desenvolve os seguintes projetos: a *Banda Ilú Oba de Min*; o *Ilú na Mesa*; o *Bloco Afro Ilú Obá De Min* e o *Corpo de dança Ilú Oba De Min*.

A *Banda Ilú Oba de Min*, composta apenas por mulheres ritmistas que tocam “djembês”, “alfaias”, “ilús”, “agogôs” e “xequerês”, busca pesquisar e divulgar o universo musical afro-brasileira e a matriz africana. O *Ilú na Mesa* é um ciclo de palestras e debates cujo objetivo principal é apontar, a partir dessas práticas, maneiras de eliminar o racismo, o sexismo e todas as formas de discriminação no Brasil. Da reunião das oficinas de percussão e de dança, nasceu o *Bloco Afro Ilú Obá De Min*, um cortejo na sexta feira de carnaval, pelas ruas do centro da cidade. O corpo de dança *Ilú Oba De Min* utiliza oficinas, objetivando a promoção e a preservação de todos os estilos de dança de matrizes africana e afro-brasileira em espaços públicos e privados, buscando prioritariamente as comunidades. O *Bloco Afro Ilú Obá De Min* é uma intervenção cultural que utiliza o carnaval como meio de contribuir para a preservação do patrimônio imaterial da cultura negra e suas influências na cultura afro-brasileira com apropriação da história, através das mãos femininas (mulheres, crianças e adolescentes). O bloco procura recontá-la a partir da memória musical, corporal e artística existente no Candomblé, no Jongo, no Maracatu, na Ciranda, entre outras expressões genuínas da “cultura popular”. Dessa forma, explora a diversidade cultural e rítmica da música brasileira advindas do legado deixado por ancestrais africanos, concretizada também por meio de oficinas de percussão para mulheres, realizadas na rua.

Por meio desses projetos, o *Ilú Oba de Min* busca despertar a comunidade para necessidade do respeito à cultura ancestral negra bem como à preservação das tradições através da educação para a diversidade, transformando-a numa sociedade mais plural. Dessa forma, a associação *Ilú Oba de Min* constitui um importante meio de difusão cultural, transformação e divulgação de tradições

ancestrais de matriz africana e afro-brasileira e de preservação de conhecimentos e saberes valiosos para o patrimônio cultural material e imaterial da cultura negra no Brasil.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

O objetivo deste trabalho foi examinar a contribuição da mulher negra para preservação, resistência e manutenção da cultura negra no Brasil, apesar do histórico da escravidão e outras formas de opressão que persistem até os dias de hoje. Para isso, trouxemos como objeto de estudo a associação *Ilú Obá De Min – educação, cultura e arte negra*, situada na Rua Anhaia, no bairro do Bom Retiro.

A pesquisa, de cunho qualitativo, caracterizada pela investigação e interpretação do pesquisador, foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e registro em diário de conversas informais com participantes que têm relação com o *Ilú Oba de Min*.

A escolha dessa associação se deu em razão do seu trabalho desenvolvido ao longo de quatorze anos, visando à valorização, manutenção, preservação e resistência da cultura negra e o empoderamento da mulher que sofre discriminação e baixa autoestima.

O estudo foi realizado da seguinte forma: (1) levantamento bibliográfico dos conceitos de cultura, divergência entre cultura ocidental e cultura negra, multiculturalismo, multicultural, pseudosuperioridade branca e inferioridade negra, branqueamento, resistência, tradição, identidade, racismo, sexismo e “tempos liminares das minorias”, (2) realização de entrevistas semiestruturadas e registro em diário de campo de depoimentos obtidos em conversas informais com outras mulheres que participam da associação e apreciadores das atividades desenvolvidas pelo grupo *Ilú Obá De Min*; (3) descrição e análise dos dados; (4) quadro-síntese das categorias verificadas na pesquisa; e (5) considerações finais.

Descrição e análise dos dados

Os dados da pesquisa compõem-se de 2 entrevistas semiestruturadas com integrantes da associação e de conversas informais com pessoas que de alguma estiveram presentes nos ensaios como apreciadoras das atividades desenvolvidas pelo *Ilú Obá de Min*.

A coleta iniciou-se a partir de visita à sede da associação, situada na Rua Anhaia, no bairro do Bom Retiro, conhecendo o espaço e as atividades desenvolvidas. Observou-se a existência de aulas de dança, percussão e mesas de debates.

Em seguida, foram realizadas duas conversas informais: uma com Regina Munhoz e outra com Rose Belizário. Regina Munhoz é aluna e percussionista e toca instrumento musical há aproximadamente quinze anos e que participou de outros grupos. Segundo ela, quando conheceu o *Ilú Obá de Min*, decidiu fazer parte dele, pelo fato de ser um grupo formado fundamentalmente por mulheres que tocam instrumentos utilizados na música e na dança em rituais da cultura negra e no cortejo de carnaval. Esclareceu que em outros grupos há instrumentos que são tocados apenas por homens. Desde então, participa do cortejo do carnaval tocando percussão no *Ilú Obá de Min*. Rose Belizário, secretária da associação e irmã da fundadora Beth Beli (presente desde o início das atividades), apresentou o espaço da associação, as salas de aula, os estandartes confeccionados e utilizados ao longo dos anos pelo *Bloco Ilú Obá de Min* nos cortejos carnavalescos.

Foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas: uma com Baby Amorim (coordenadora de projetos e produtora) e outra Cristiane Gomes (mediadora do Ilu na mesa), com intuito de aferir nos discursos a ocorrência da preservação e da ressignificação da cultura trazida pelos ancestrais negros, expressando “tempos liminares da minoria”, bem como o empoderamento das mulheres negras brasileiras.

A partir dos registros, em diário de campo, das observações do cortejo, dos relatos coletados nas entrevistadas e nas conversas com pessoas que, embora não participem da associação, acompanham os ensaios e cortejos, foi observado o seguinte:

A PRESERVAÇÃO DA CULTURA NEGRA, O RECONTAR A HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL

Da visita das instalações

A secretária da associação e irmã da fundadora, Rose Belizário, que acompanha as atividades desde o início, apresentou o espaço da associação e das salas de aula, os estandartes confeccionados e utilizados ao longo dos anos pelo *Bloco Ilú Oba de Min*, nos cortejos carnavalescos.

Posteriormente, em outubro de 2018, foi realizada a observação participativa de dois ensaios do *Bloco Ilú Obá De Min* no Vale do Anhangabaú; e na Praça do Patriarca, em novembro de 2018. As fotos abaixo registram o ensaio do conjunto dos instrumentos e o grupo de dança para o cortejo que se realizaria no carnaval de 2019.



Figura I – ensaio da percussão



Figura II - ensaio da dança

Nas figuras acima, verifica-se a presença de vários transeuntes que param para assistir ao ensaio, e de outras pessoas que vêm especialmente para assisti-lo.

Em conversas informais, durante o ensaio, obtivemos relatos de espectadores declarando acompanhar não só os ensaios, mas também o cortejo de carnaval realizado pelo *Ilú Obá de Min*. Essas atividades de dança e de percussão realizadas pelas mulheres negras, ocupando os espaços da cidade, constituem manifestações de cultura, cuja representação vai além das origens e tradições. A realização dessas atividades culturais representa não só a manifestação da arte negra com suas peculiaridades e tradições como também a ressignificação da mulher negra em confrontação à cultura machista vigente, uma vez que as mulheres desempenham uma atividade que era restrita aos homens e que lhes foi negada há muito tempo. Essa ressignificação da mulher negra

corroborar o pensamento de Hall (2003a), quando afirma que a cultura está sempre em processo de transformação, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições.

Assim, a mulher negra se empodera, quebrando tabus, criando espaços de resistência frente à cultura hegemônica machista, sem perder a sua tradição. Esses elementos voltados para a continuidade da identidade negra no Brasil, baseada na tradição e na memória, servindo como contraponto à cultura ocidental são meios que constituem o que Bhabha chama de “tempos liminares das minorias”.

Das entrevistas semiestruturadas

Abaixo seguem trechos da entrevista com Baby Amorim. Para ela:

Na verdade, a gente nem usa sua mais o termo preservação a gente fala na manutenção das manifestações culturais negras, religiosas. A gente fala da manutenção porque elas estão aí vivas e o que a gente precisa é manter, mantê-la constantemente, então através dos grupos da cultura negra [...] (AMORIM, informação verbal) ⁴

Neste trecho da entrevista, podemos perceber tanto o entendimento de Nogueira (2010) de cultura como sendo as relações sociais, a história, as possibilidades de expressar, de viver, de exteriorizar, como sendo a construção de sua história nas acepções concretas e no imaginário (NOGUEIRA, 2010, p.9-10), como também o entendimento de Petit (2008) de que a importância da herança cultural repassada através da tradição não é estática ela transmite a matriz simbólica do grupo (PETIT; CRUZ, 2008, p.3).

A seguir, Baby Amorim assim se manifesta,

É super importante para que a gente mantenha viva a nossa história, e que possamos repassá-las também para as crianças, jovens [...] (AMORIM, informação verbal)

É possível dizer que esse trecho do discurso de Baby Amorim traduz o pensamento de Thompson (2011), quando defende a ideia de que a cultura é

⁴ AMORIM, Baby. Baby Amorim: depoimento. [25 de novembro de 2018]. São Paulo/SP. 1 arquivo mp3 (30 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A deste artigo.

partilha de crenças, experiências e concepções formando um padrão de significados simbólicos (THOMPSON, 2011, p 167-173). Essa partilha fica evidente no trecho “[..] e que possamos repassá-las também para as crianças e jovens [...]”. Isso nos mostra que, apesar da tentativa de apagamento da cultura negra, desde a época da escravidão, ela encontrou meios de resistência através de sua tradição e memória, reelaboração de elementos voltados para a continuidade da identidade negra no Brasil. (SOUZA, 2017, p 11). A seguir,

Então é isso que a gente faz essa a importância da preservação, mas uso a manutenção porque elas estão aí firmes e fortes resistindo ao tempo, a toda a negação... e toda a desvalorização, porque existe uma desvalorização muito grande também do que é a cultura negra e a gente está aí resistindo mostrando. (AMORIM, informação verbal)⁵

No discurso de Amorim, verifica-se a preservação do patrimônio simbólico, a continuidade da cosmologia negra no exílio um ato político de repatrimonização e reterritorialização de uma África qualitativa que se firma aqui como território político-mítico-religioso (SODRÉ, 1988a, p. 50, 56 e 70). Consta-se ainda a manifestação do “tempo liminar das minorias” de Bhabha, ressaltado por (OLIVEIRA, 2018), uma vez que essas mulheres realizam atividades que atuam como um confronto à hegemonia cultural vigente, como podemos ver no trecho “[...] porque existe uma desvalorização muito grande do que é a cultura negra e a gente está aí resistindo, mostrando.”

B) O FORTALECIMENTO DA MULHER NEGRA POR MEIO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DO ILÚ OBÁ DE MIN

A entrevistada Baby Amorim,

[...] Muita gente aqui não é mais aquela menina que entrou, eu mudei, a identidade é tudo, a identidade da mulher negra é destruída, o cabelo é feio, é ruim, a gente vem com essas dores do preconceito e as mulheres aqui são valorizadas. (AMORIM, informação verbal)

⁵ AMORIM, Baby. Baby Amorim: depoimento. [25 de novembro de 2018]. São Paulo/SP. 1 arquivo mp3 (30 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A deste artigo.

Verifica-se, nessa manifestação discursiva, as palavras de Gonzalez (1988) sobre os efeitos produzidos pela ideologia do branqueamento e pela internalização de inferioridade dos negros e ameríndios (GONZALEZ, 1988 p.72-74). Quando a entrevistada diz que “[...] a identidade da mulher negra é destruída o cabelo é feio, é ruim, a gente vê com essas dores do preconceito [...]”, verifica-se o efeito destrutivo que a cultura branca promove na identidade dessas mulheres.

Por outro lado, em contraposição aos efeitos negativos, Baby Amorim salienta,

Fortalecimento das mulheres, principalmente das mulheres negras e aqui encontra a valorização, aqui as mulheres negras vêem como espaço de valorização não só da cultura, mas também de sua identidade. [...] a gente contribui com isso com a identidade positiva. [...] Esse fortalecimento da mulher negra aqui no Ilú, essa transformação, às vezes chega de um jeito e daqui dois anos você olha, não é mais aquela pessoa isso é visível é uma coisa que muitas nos relatam quanto foi importante participar do processo. (AMORIM, informação verbal) ⁶

Reconhece-se aqui o papel fundamental da *Ilú Obá De Min*, atuando como “tempo liminar das minorias”, conceito de Bhaba, citado por Oliveira (2018). Nota-se avanços na busca pelo fortalecimento, valorização e empoderamento da mulher negra. O fortalecimento pessoal, social e cultural da mulher negra se faz presente através das manifestações culturais, promovidas e desenvolvidas por mulheres, como forma de confronto à hegemonia racista ainda vigente.

(C) A BUSCA EM RECONTAR A HISTÓRIA DO NEGRO SOB A ÓTICA DA MULHER NEGRA

Baby Amorim em trecho da entrevista salienta,

O Ilú esse coletivo trabalha desde a sua fundação trazendo a história negra, aquela história desconhecida. Acho que nossa contribuição é trazer história que a gente não conhecia [...] e de

⁶ AMORIM, Baby. Baby Amorim: depoimento. [25 de novembro de 2018]. São Paulo/SP. 1 arquivo mp3 (30 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A deste artigo.

muita importância a gente manter trabalhos de cultura negra no país [...](AMORIM, informação verbal)

Em seu discurso, Amorim demonstra importância da preservação do patrimônio simbólico com meio de continuidade da cosmologia (SODRÉ, 1988a, p. 56 e 70), bem como demonstra a resistência da cultura negra através de sua tradição e memória voltados para a continuidade da identidade negra aqui no Brasil, contrapondo-se à cultura ocidental hegemônica (SOUZA, 2017, p 11). Ao declarar “[...] Acho que a nossa contribuição é trazer história que a gente não conhecia [...]”, as mulheres ganham um protagonismo, recontando a sua história sob a sua ótica e não mais sob a ótica de seus colonizadores. Podemos reafirmar isso também no seguinte trecho:

[...] a manutenção desses trabalhos, a manutenção das tradições, manutenção dos ritmos, da música, da arte, do teatro, dos contos, enfim de tudo que envolve essa produção negra é vital pro país [...] tem uma história né a gente tem uma história feita pelos indígenas, pelos negros...pelos europeus e a gente ... (AMORIM, informação verbal)

Assim, as atividades (ritmos, música, arte, teatro etc) realizadas *pelo Ilu Obá De Min*, descritas por Baby Amorim, representam os elementos do presente cósmico, da ancestralidade e da cosmovisão negra na formação e preservação, como espaço de reterritorialização e retorno à sua origem africana (PETIT, CRUZ, 2008, p. 4-5 e 15-16). A manutenção de todos esses trabalhos traduz o conceito “tempo liminar das minorias”, como forma de evitar o apagamento de suas origens e agir contra a hegemonia imposta.

(D) A GUARDIÃ DA CULTURA NEGRA

A entrevistada Cristiane Gomes ressalta a importância da mulher como guardiã da cultura negra. Segue abaixo, outro trecho de sua entrevista:

As mulheres são as principais guardiãs dessa cultura negra no Brasil [...] são as mães pretas, [...] as mães de santo, as ialorixás que tem essa tarefa de preservar, de valorizar, de guardar [...] guardar esse segredo, perpetuar essa cultura, resistindo muitas

vezes nas brechas né [...] são mulheres [...], que guardam toda essa cultura, toda essa tradição e a mulher ela tem esse caráter de manter, de cuidar, a escravidão no Brasil, no mundo inteiro foi uma tragédia e foram essas mulheres que seguraram essa onda, vamos dizer assim [...] foi no passado e isso se perpetua hoje [...] Então eu acredito que o futuro, essas novas gerações de mulheres da qual minha filha faz parte vão continuar com esse trabalho de perpetuar a cultura negra no Brasil como algo mais amplo não só no campo artístico mas também no campo social (GOMES, informação verbal)⁷

No trecho acima, Cristiane Gomes ressalta a importância da mulher como guardiã da cultura negra: “[...] são as mães pretas, [...] as mães de santo, as *ialorixás* que têm essa tarefa de preservar, de valorizar, de guardar” [...]. Nessa perspectiva, a mulher negra utiliza momentos pontuais, com o uso de estratégias de narrativas identitárias, para exercer pressão contra a hegemonia dominante, conforme declaração podemos ver neste trecho: “[...] perpetuar essa cultura, resistindo muitas vezes nas brechas né” [...].

Seu discurso corrobora o pensamento de Cunha (2017), quando declara que a recriação das tradições negras realizadas notadamente pelas mulheres foi uma forma de resistência à escravidão, à vida de subalternidade, à desumanização e isso reconfigura o espaço/poder destas mulheres (CUNHA, 2017, p. 299). O discurso também corrobora o pensamento de Werneck (2010) de que as mulheres negras lutaram e lutam por justiça, inclusão social e equidade ao longo dos séculos, em defesa de seus interesses e ao mesmo tempo participa da defesa do contingente negro desde o regime escravocrata até hoje (WERNECK, 2010, p.3).

QUADRO-SÍNTESE DAS CATERORIAS

Segue abaixo um quadro com as principais categorias de análise que foram consideradas nas análises dos dados.

⁷ GOMES, Cristiane. Cristiane Gomes: depoimento via telefone por telefone entre os dias 13/11/2018 a 27/11/2018. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A deste artigo.

QUADRO-SÍNTESE DAS CATEGORIAS

Categorias de análise	“Ilú Obá De Min” como “Tempo liminar das minorias”		
1. A preservação da cultura negra através do recontar a história do negro no Brasil	Projetos culturais desenvolvidos como combate à tentativa de apagamento da cultura negra: <i>Bloco Ilú Obá De Min;</i> <i>Ilú na mesa</i> (Atividades de dança, percussão e mesas de debates)	Resistência por meio da tradição, memória reelaboração visando à manutenção da: Cultura e identidade negras; Identidade da mulher negra	“a cultura negra está viva, pulsante.” “a história dos negros no Brasil está viva.” repassar as futuras gerações “Combate ao apagamento sistêmico Resistência à negação, desvalorização da cultura negra”
2. O fortalecimento da mulher negra através das manifestações culturais	Contraposição à: Ideologia do branqueamento; Sexismo; Desigualdade de gênero; Pensamento racista e machista	Resignificação da mulher negra, configurando a luta contra a internalização do sentimento e inferioridade face à hegemonia ainda presente nos negros Luta contra baixa autoestima	Fortalecimento da mulher negra, Pessoal, Social e cultural Valorização da identidade Fortalecimento da autoestima
3. A guardiã da Cultura Negra	A religião As ialorixá (mães de santo) A preservação da cultura negra	Protagonistas: Guardar Valorizar Preservar Resistir Inclusão social	“Mães pretas Mães de santo Danças e Ritmos Cantigas Lendas Conhecimento”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise dos dados, conclui-se que, para pensar em cultura no Brasil, é indispensável considerar a valiosa contribuição da cultura negra perpetuada e resignificada pelos escravos e escravas. Nessa perspectiva, a mulher negra exerce, desde início da escravatura até os dias atuais, um papel importante na preservação e perpetuação da cultura negra, apesar de todo sofrimento e discriminação a que foi e ainda é submetida, não perdendo a sua essência.

Desde o colonialismo, permanece um padrão de dominação, inclusive a ideia de superioridade da raça branca e conseqüente construção de políticas sociais fundamentados na etnicidade e na primazia de elementos culturais e religiosos hegemonicamente branco. A compreensão da cultura a partir deste ponto

de vista e o complexo ideológico racista criaram a mais profunda e eficaz forma de dominação social, material e intersubjetiva, refletindo em todos os aspectos da existência humana. Entretanto, a universalização e hegemonia sofre resistências e contraponto com a “proliferação subalterna da diferença” mencionada por Hall (2003b), nascendo à sua sombra resistências que buscam impedir o apagamento das relações sociais, da história, das formas de viver e construir sua história, enfim da cultura. É nesse aspecto que o *Ilú Obá De Min*, com seus projetos, desempenha um papel importante na preservação, manutenção e resistência da cultura negra.

Os resultados da pesquisa mostraram as mulheres negras como protagonistas e guardiãs de sua cultura, atuando, incessantemente, na transmissão de suas crenças e tradições para as novas gerações [...] “são as mães pretas, [...] as mães de santo, as *ialorixás* que tem essa tarefa de preservar, de valorizar, de guardar [...]. São tradições, crenças, histórias, rituais, saberes africanos que ganham outro significado, são ressignificados sem perder sua essência.

A pesquisa mostrou o *Ilú Obá De Min* como um meio extremamente importante de pressão contra os discursos dominantes, exercendo um contraponto à cultura hegemônica vigente - racista, machista e sexista. Ele constitui não só um meio de combate ao apagamento da origem negra, de suas crenças, mas também uma forma de ressignificação e empoderamento da mulher negra, reafirmando a sua identidade. Sob essa ótica, o *Ilú Obá De Min* se contrapõe à cultura hegemônica existente, expressa o conceito “tempo liminar das minorias”, defendido por Bhabha, uma vez que atua na luta dos afrodescendentes para a perpetuação, preservação e manutenção da cultura negra no Brasil. É o que vimos nos projetos desenvolvidos por essa associação.

Os avanços obtidos ainda não foram suficientes para romper o processo de internalização do sentimento de inferioridade dos afrodescendentes, ainda presente no imaginário tanto do homem quanto da mulher negra. Em depoimento, Baby Amorim cita o fato de algumas mulheres negras, inconscientemente, buscarem o branqueamento, alisando o cabelo - fato que demonstra a importância das atividades desenvolvidas no *Ilú Obá De Min*, como formas de quebrar esse paradigma e valorizar a identidade, cultura e a beleza da mulher negra.

As nações são sociedades multiculturais com diversas comunidades culturais coexistindo num determinado lugar-tempo e que não perderam sua “identidade original” dentro do Estado-Nação. Isso resulta no embate entre as

minorias e o poder hegemônico, como salienta Bhabha (apud OLIVEIRA, 2018), quando conceitua “tempos liminares das minorias”, ou seja, as estratégias de narrativas identitárias utilizadas pelas minorias em momentos pontuais, objetivando lutar contra a hegemonia, homogeneização e discriminação sofrido. É necessário exercício pleno da democracia, ou seja, da negociação contínua entre as minorias e a hegemonia cultural vigente para que as minorias tenham espaço. Em outras palavras, para que tenhamos a contemporaneidade como um tempo da diferença.

Portanto, concluímos que o *Ilú Obá De Min*, como meio de confrontação ao pensamento hegemônico machista, racista e sexista, ressignifica o papel e a importância da mulher negra, constituindo “tempos liminares das minorias”. Nessa perspectiva, exerce papel fundamental na formação da sociedade brasileira como voz ativa em defesa da necessidade de inclusão e justiça social. A Mulher Negra luta pela equidade de tratamento, não só em relação ao homem branco ou negro, mas também em relação à igualdade no tratamento da mulher negra, que, não raras vezes, é ignorada e/ou invisibilizada em razão do sexismo e do racismo.

Enfim, esperamos que, com esse trabalho, tenhamos contribuído para uma reflexão crítica sobre a ressignificação do papel da mulher negra na sociedade brasileira, na construção de um país plural, construído a partir do multiculturalismo e da diversidade. Que possamos ter colaborado para diminuição da intolerância racial, sexista e machista, promovendo o princípio do respeito mútuo. Somado a isso, também possamos ter contribuído para reforçar a necessidade premente de apoiar projetos voltados para fortalecimento da cultura negra no Brasil, principalmente das mulheres negras, que representam uma parcela considerável da população brasileira.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Miriam Ávila (et. All) Belo Horizonte: Editora UFMG. 1988.
- CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, set. 2014. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36757>>. Acesso em: 18/10/ 2018.
- CUNHA, Janine Nina Fola. **As abordagens das mulheres negras como uma proposta afrocentrada de decoloniedade nas Américas**. Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. v. 5. p. 299-312. 2017. Disponível em: <<http://www.anais.est.edu.br/index.php/genero/article/download/827/532>>. Acesso em: 02 set. 2018.
- DE MOURA CARVALHO, Enildo. Da convergência à fragmentação: formação relacional da modernidade, identidade cultural e história. **Outros Tempos- Pesquisa em Foco-História**, v. 5, n. 5, 2008. Disponível em: http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/view/219. Acesso em 25/11/2018.
- DOMINGOS, Luís Tomas. A visão africana em relação à natureza. Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH - Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v.III, n.9, jan/2011. ISSN 1983-2859 Disponível em [http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST 12/ 00 3%20-%20Luis%20Tomas%20Domingos.pdf](http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST%2012/003%20-%20Luis%20Tomas%20Domingos.pdf). Acesso em 25/06/2018.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 2005.
- GONZALEZ, Lélia, A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, nº 92/93 (jan/jun.) 1988, p. 69-82. Disponível em : <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>. Acesso em 18/10/2018.
- HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003a. p.27-50.
- _____. Questão multicultural. In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003b. p. 51-100.
- LIMA, Maria Batista. Identidade étnico/racial no Brasil: uma reflexão teórico-metodológica. In: **Revista Fórum Identidades**, Ano 2, Volume 3 – p. 33-46 – jan-jun de 2008 ISSN 1982-3916. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1742>>. Acesso 25/08/2018.

/MARTINS, Maro Lara. Identidade cultural e história: o problema da crioulação e da poética diversidade. **Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia**, v. 5, n. 1, 2014. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38176824/identidade_cultural_e_historia_-_revista_expedicoes_teor_da_histoira_e_historiografia.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOYGGZ2Y53UL3A&Expires=1540961864&Signature=NyINJLbwTVjTEhC5Aa%2FL0PIbBRo%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DIdentidade_Cultural_e_Historia_o_problema.pdf>. Acesso em 31/10/2018.

MUNANGA, K. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. **Revista de Antropologia**, v. 33, p. 109-117, 1990. *Revista de Antropologia*. 33, 1990, p. 109-117. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111217>>. Acesso em 20/10/2018.

NOGUEIRA, Silas. Poder, cultura e hegemonia: elementos para uma discussão. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 1-10, 2010. ISSN 2236-3467. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/74385/78010>>. Acesso em: 25/07/2018.

OLIVEIRA, Dennis de. **Frantz Fanon: para entender a luta antirracista na era da informação**. 17/05/2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/frantz-fanon-para-entender-as-estrategias-de-luta-antirracista-na-sociedade-da-informacao/>. Acesso em 26/01/2019

PETIT, Sandra Haydée; CRUZ, Norval Batista. **Arkhé: corpo, simbologia e ancestralidade como canais de ensinamento na educação**. *scribd.com*. 13 de 06 de 2008. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/259930476/Arkhe-Corpo-e-Simbologia>> Acesso em: 09 jul. 2018.

SODRÉ, Muniz(a). **O terreiro e a cidade: a forma social negra-brasileira**. Petrópolis : Editora Vozes. 1988.

_____(b). Cultura, corpo e afeto. In: **Dança: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança**, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/review/13161>>. Acesso em 23/07/2018.

SOUZA, Vanessa Rocha, **Mestres da Cultura Popular: Ancestralidade, oralidade e resistência**, Disponível em: <http://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/artigo_cientifico_celacc_tcc_final.pdf>. Acesso em 25/07/2018.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna : teoria social eritka na era dos meios de comunica,ao de massa**. 9. edição. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

WERNECK, Jurema. **Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil**. 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/886/81.pdf?sequence>>. Acesso em: 03.09.2018 .

APÊNDICE A

Fichas e entrevistas

A1 - Entrevista concedida por Baby Amorim, Coordenadora de projetos e produtora do Ilú Oba de Min – educação, cultura e arte negra em 25/11/2018, das 16:30 – 17:00, no ensaio do Bloco na Praça do Patriarca – centro SP.

SE: Qual a importância da preservação da cultura Negra para o Brasil?

BA: Na verdade a gente nem usa sua mais o termo preservação a gente fala na manutenção das manifestações culturais negras, religiosas. A gente fala da manutenção porque elas estão aí vivas e o que a gente precisa é manter, mantê-la constantemente, então através dos grupos da cultura negra, culturais qualquer grupo da área da cultura, da área de estudos sociológicos enfim. É super importante para que a gente mantenha viva a nossa história, e que possamos repassá-las também para as crianças, jovens para realmente não cair... não existir esse não cair no apagamento... apesar de que né... a gente tem o apagamento sistêmico das contribuições negras no país porque são pouco faladas dentro do ambiente escolar a gente quase não tem...muito...por.. há muitos anos a gente não teve a devida valorização das contribuições negras então... ahh... e de muita importância a gente manter trabalhos de cultura negra no país... a manutenção desses trabalhos, a manutenção das tradições, manutenção dos ritmos, da música, da arte, do teatro, dos contos, enfim de tudo que envolve essa produção negra é vital pro país... pro país tem que ter... ele tem uma história né... a gente tem uma história feita pelos indígenas, pelos negros...pelos europeus e a gente ... todos eles tem que ter o reconhecimento das suas contribuições. Então é isso que a gente faz essa a importância da preservação, mas uso a manutenção porque elas estão aí firmes e fortes resistindo ao tempo, a toda a negação.. e toda a desvalorização, porque existe uma desvalorização muito grande também do que é a cultura negra e a gente está aí resistindo mostrando.

SE: Quais ações que você acha importante pra isso?

BA: Então para você manter vivo isso é... você é é criação é apoiar o máximo novos grupos, o estudo da cultura negra que ela pode vir através da música, de grupos de teatro a gente tem que procurar levar conteúdo para as escolas para as crianças do período pré escolar, escolar... agora já não tem mais um nome certo... a importância de estar nesses espaços com a informação dos grupos culturais.. a gente cada vez mais apoiar os grupos culturais e abrir espaço para eles.

SE: Como você enxerga a contribuição que do *Ilú Oba de Min* dá para esse tipo de manutenção?

BA: O *Ilú* esse coletivo trabalha desde a sua fundação trazendo a história negra, aquela história desconhecida. Acho que nossa contribuição é trazer história que a gente não conhecia, fortalecimento das mulheres, principalmente das mulheres negras e aqui a gente encontra a valorização, aqui as mulheres negras vêem como espaço de valorização não só da sua cultura mas também da sua identidade. Então acho que a gente contribui com isso com a identidade positiva com a difusão

mesmo da.... através da musica da historia do nosso povo, de grandes feitos, de tudo que acontece no país de historias de fora também da África.

SE: Você percebe se houve diferença para as mulheres que participam em relação a identidade e empoderamento delas?

BA: Sim .. muito muita gente aqui hoje não é mais aquela menina que entrou, eu mudei... a gente vai... a identidade e tudo, na questão a identidade da mulher negra é muito destruída, o cabelo é feio, é ruim e semprea gente vem com essa dores do preconceito e as mulheres aqui elas são extremamente valorizadas então acho que isso é importante é um espaço que a gente abre também pra troca se o Ilu precisa de um trabalho a gente sempre busca dentro no nosso coletivo quem faz aquele trabalho então tem muitas negras hoje no Ilu que fazem seu trabalho como a arte dos carnavais que é feita pela Laís que é um mulher negra que trabalha nessa área do web designer, o figurino do Ilu que é Cléo Dias que é uma figurinista negra então acho que isto a gente vai... esse fortalecimento da mulher negra aqui no Ilu essa transformação, as vezes ela chega de um jeito e daqui 2 anos você olha não é mais aquela pessoa isso é visível é uma coisa que muitas relatam pra gente de quanto foi importante para ela participar do processo.

A2 - Entrevista com Cristiane Gomes – Mediadora do Ilú na Mesa, concedida por telefone entre os dias 13/11/2018 a 27/11/2018

SE: Como conheceu o Ilu e o que te fez participar do coletivo?

CG: Eu conheci o Ilu no carnaval de 2006, sob o convite de uma amiga para assistir um bloco formando só por mulheres, achei interessante nunca tinha ouvido falar e fui assistir com ela esse cortejo que é ainda sai do viaduto da Major Quedino, Ilú era algo bem menor em termos de integrantes do que é hoje e quando eu ouvi aqueles tambores e aquelas mulheres tocando, dançando fiquei louca, fiquei muito tocada, muito emocionada e falei para mim mesma que eu queria fazer parte daquilo que eu ia ser integrante, isso foi no carnaval de 2006. E ai algumas coincidências aconteceram o ano começou fui tocando minha vida e algumas coincidências aconteceram que me fizeram reencontrar o Ilú em janeiro do ano seguinte num caminho diferente que eu fiz, na verdade eu me perdi no centro e eu ouvi uns tambores de novo e fui ver o que era e vi que era o Ilu. Me informei e entrei pra dança e nesse primeiro momento o que me fez participar do coletivo mesmo foi uma vontade de dançar de fazer parte daquele movimento de mulheres com a dança com os tambores, isso que me mobilizou para fazer parte.

SE: Você tem participação no Ilú na mesa? E nas demais atividades?

CG: Já faz alguns anos bem ai uns 5 ou 7 anos que sou a mediadora oficial do Ilu na mesa, participo fazendo mediação coordenando os trabalhos do dia, os debates o que faço com muita alegria também, muito amor e sem falsa modéstia faço muito bem. Nas demais atividades do Ilú a gente participa na maneira como dá então além do bloco, coordeno o naipe da dança pro carnaval, os ensaios do carnaval, faço parte também da banda que se apresenta ao longo do ano, tenho essa

participação no Ilú na mesa e sempre que tem alguma atividade que eu consigo estar junto e contribuir eu faço parte e integro essas atividades outras do Ilú.

SE :Qual no seu ponto de vista a importância da preservação da cultura negra no Brasil? E qual a sua participação na constituição de nossa cultura?

CG: A gente tem um discurso meio homogêneo na sociedade que o Brasil é fruto de varias culturas.. a gente aprende isso na escola o que não deixa de ser verdade obviamente as eu acho também, na minha opinião a cultura negra é o pilar principal onde a cultura brasileira se desenvolveu a contribuição da população negra, da população africana que veio trazida escravizada para o Brasil para o desenvolvimento do país tanto em termos materiais como em termos culturais é indiscutível o Brasil não seria o que é em termos culturais se não fosse a contribuição da cultura negra, então tai a religiosidade,a musica a dança,a culinária para comprovar isso tudo. Até mesmo com a linguagem. Então para mim a cultura negra é o grande alicerce sobre o qual se desenvolveu o Brasil e sobre o qual também se desenvolveu a cultura brasileira junto claro com a cultura indígena que a gente não pode esquecer que são os povos que estavam aqui neste país quando os invasores portugueses chegaram. Acredito que essa constituição, essa contribuição ainda que haja racismo, além da discriminação racial, do racismo a cultura negra tem uma participação indiscutível na cultura brasileira.

SE: Quais ações você acredita serem necessárias para a resistência, preservação, manutenção da cultura negra?

CG: Esse debate se mistura com as ações de combate ao racismo porque a cultura negra é tida e lado, ela é deslegitimada, ela é desvalorizada como reflexo do racismo que a gente vive no Brasil. Então acredito que deveriam haver ações nas escolas, infelizmente a gente esta numa conjuntura que isso vai ficar cada vez mais difícil, lógico que atualmente acontece a gente tem uma lei que permite isso, que defende isso, mas que na pratica a implementação da lei acaba assentindo por iniciativa de algumas educadoras e educadores que são comprometidas e comprometidos com essa questão da valorização da cultura negra. Então primeiro acredito que a gente teria que ter ações nas escolas para tirar esse estereótipos negativo que muitas vezes são colocados por igrejas conservadoras, igrejas fundamentalistas principalmente as neo pentecostais que criminalizam a cultura negra, criminalizam os tambores, criminalizam a religião, criminalizam enfim tudo isso, então acredito que ações nas escolas seria importante, seria importante uma representatividade maior de pessoas negras na mídia, na comunicação, na televisão, é lógico que a gente avançou muito nos últimos anos com em relação a isso há representatividade né. eu tenho uma filha de 01 ano ela vai se ver muito mais representada na TV e na mídia em geral, enfim, na publicidade também que é um reflexo isso do que eu me identifiquei quando eu era pequena que eu ficava sempre em um não lugar,tipo, não vejo ninguém parecido comigo e eu seu que a minha filha não vai passar por isso,mas se pensar que somos maioria nesse país ainda é muito tímida a representação que a gente tem nesses espaços. Espaço de poder também com profissões que são negados para gente então negros médicos negros engenheiros, negros advogados. Então eu acredito que a preservação da cultura caminha de mãos dadas com a eliminação do racismo no Brasil.

SE: No se ponto de vista como as mulheres negras influenciam a preservação e perpetuação da cultura negra no Brasil no passado? No presente? Futuro?

CG: As mulheres são as principais guardiãs dessa cultura negra no Brasil com todo respeito, e não desvalorizando o papel masculino nisso, mas são as mães pretas, são as mulheres que preservam essa cultura. Então se a gente pensar, por exemplo no candomblé por exemplo as ias, as mães de santo, as ialorixás que tem essa tarefa de preservar, de valorizar, de guardar então a gente tem várias experiências no Brasil que comprovam isso né, guardar esse segredo, perpetuar essa cultura, resistindo muitas vezes nas brechas né como por exemplo, falando agora estou pensando na irmandade de boa morte lá de cachoeira que são mulheres que tem essa, que guardam toda essa cultura, toda essa tradição e a mulher ela tem esse caráter de manter, de cuidar, a escravidão no Brasil, no mundo inteiro foi uma tragédia e foram essas mulheres que seguraram essa onda, vamos dizer assim, o próprio samba, o samba nasceu no quintal da tia Ciata que recebia essas pessoas para poder, para se encontrarem, para estarem juntas, então eu acredito que foi no passado e isso se perpetua hoje também no presente, acredito no futuro nisso também quando eu vejo as novas gerações, nova gerações de mulheres jovens é claro que cada uma a seu tempo, cada uma da sua maneira, mas no futuro por exemplo a gente vê como o debate do feminismo negro ganhou espaço nos últimos anos, claro que o feminismo negro, eu brinco que começou a resistência feminina negra começou quando a primeira mulher escravizada pisou no Brasil, a primeira mulher africana escravizada pisou no Brasil e isso foi só foi se aperfeiçoando ao longo do tempo e atualmente a gente conseguiu ampliar debate do feminismo negro para outras esferas tanto entre mulheres negras como em setores brancos também para falar da produção acadêmica negra, dessas mulheres negras que estão em marcha há muito, muitos, muito, muitos e muitos anos. Então eu acredito que o futuro, essas novas gerações de mulheres da qual minha filha faz parte vão continuar com esse trabalho de perpetuar a cultura negra no Brasil como algo mais amplo não só no campo artístico mais também no campo social.